

“Eu não consigo respirar”: paralelos entre o caso George Floyd e o episódio “Pontos Cegos” da série Supergirl

Flavi Ferreira Lisbôa Filho¹
Lucas da Silva Nunes²
Luciomar Pizoloto de Carvalho³

Resumo: Calcado teórica e metodologicamente nos Estudos Culturais e se utilizando da análise textual de Caseti e Chio (1999) como técnica, esse artigo tem como objeto de estudo um episódio específico da sexta temporada da série Supergirl, intitulado “Blind Spot (Ponto Cego em tradução literal)”, e tem como intuito identificar o modo como a narrativa do episódio incorpora as pautas raciais em seu enredo, especificamente como ele tensiona as questões envolvendo o assassinato de George Floyd nos EUA em 25 de maio de 2020. Identificamos que o episódio se conecta diretamente com os acontecimentos envolvendo este assassinato e ainda denuncia todas as opressões que a população negra e periférica está sujeita. Esta narrativa ainda é utilizada para justificar a aparição de uma nova heroína negra, deixando evidente que as questões raciais afetam de modo direto seus semelhantes.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Racismo. George Floyd. Supergirl.

¹ Doutor. Universidade Federal de Santa Maria. flavi@ufsm.br.

² Doutorando. Universidade Federal de Santa Maria. lucasnunespp@gmail.com.

³ Doutor. Universidade Federal de Santa Maria. dgluciomarc@gmail.com.

Quando falamos em programas de entretenimento, em um primeiro momento, podemos não imaginar que eles tratem de assuntos sociais em suas narrativas. O gênero fantasia, como é o caso das produções sobre super-heróis, é um exemplo disso, por mais que narrem histórias sobre vilões e mocinhos, a face do entretenimento consegue carregar consigo diversas agendas, como será abordado neste artigo.

Dentre alguns programas recentes que trazem em suas histórias heróis negros, podemos citar o Universo compartilhado de séries da DC Comics, intitulado Arrowverso, produzido pela rede de TV estadunidense The CW. Entre 2012 e 2023 a CW produziu 7 séries que oficialmente fazem parte de seu universo compartilhado, sendo elas “Arrow”, “The Flash”, “Lendas do Amanhã”, “Supergirl”, “Raio Negro” e “Batwoman”. Elencamos como objeto de estudo um episódio específico da sexta temporada da série “Supergirl”, intitulado “Blind Spot (Ponto Cego em tradução literal)”, veiculado nos EUA no dia 21 de setembro de 2021 e que chegou ao Brasil cerca de duas semanas depois, por meio da programação da Warner Channel.

A escolha se deu pelo fato de que ele foi protagonizado e roteirizado pela atriz Azie Tesfai e dirigido pelo também ator David Ramsey, que faz uma participação ao longo da narrativa, tanto a atriz quanto o ator são pessoas negras. Na trama vemos a personagem Kelly Olsen (Azie Tesfai) assumir a identidade heróica de Guardiã (Figura 1), enquanto tem como mentor Jhon Diggle (David Ramsey), algo que foi motivado devido às diversas situações de negligência e racismo, presenciados pela personagem, as quais exploraremos em nosso processo de análise.

Figura 1: Kelly Olsen assume a identidade de Guardiã



Fonte: Supergirl.

Sobre o universo da série, Supergirl estreou em 2015 e é protagonizada por Melissa Benoist. A história narra a vida de Kara Danvers ou Kara Jor-El, que se torna a heroína conhecida como Supergirl após viajar de Krypton, seu planeta natal que foi destruído, para a Terra em uma nave espacial. Kara na realidade é prima de Clark Kent ou Kal-El, o Superman e foi adotada pela família Danvers, tornando-se irmã e melhor amiga de Alex (Chlyler Leigh), que, mais tarde, viria a se tornar esposa de Kelly Olsen.

A série conta com seis temporadas e ao longo de sua narrativa incluiu um elenco bastante diversificado em suas histórias. Entre alguns nomes podemos citar a atriz trans Nicole Maines e o enredo LGBTQIAPN+ envolvendo as personagens Alex Danvers (Chlyler Leigh) e a própria Kelly Olsen, foco deste texto. Sobre Kelly, na trama ela é uma personagem lésbica e negra, de 38 anos, doutora em psicologia e especializada em traumas. Ela também é uma ex-soldado do Exército dos EUA e atua como assistente social.

Tem-se como intuito desta pesquisa identificar o modo como a narrativa do episódio incorpora as pautas raciais em seu enredo, especificamente como ele tensiona as questões envolvendo o assassinato de George Floyd nos EUA em 25 de maio de

2020. Sobre o ocorrido, como nos narra Reno Almeida (2021), dois oficiais da polícia da cidade de Minneapolis, capital de Minnesota, estado ao norte dos Estados Unidos, foram até a esquina entre a East 38th Street e Chicago Avenue, pois estavam respondendo ao chamado do caixa da loja de conveniência Cup Foods. O funcionário do local alegava que um homem havia comprado um maço de cigarros utilizando uma nota supostamente falsa como pagamento.

Os policiais J. Alexander Kueng e Thomas Lane chegaram ao local e abordaram George Floyd, descrito como um homem negro de 46 anos. Câmeras de estabelecimentos próximos e testemunhas acabaram registrando em imagens como a abordagem policial ocorreu. Floyd, que se recusava a sair do banco do motorista de seu carro, acabou sendo retirado e algemado à força por Thomas Lane. O policial alegou que necessita de reforços, pois segundo ele, estava abordando um homem “fora de controle e agindo violentamente”, descrição desmentida pelas imagens presentes nas câmeras de segurança.

Mais tarde, os policiais Derek Chauvin e Tou Thao se juntaram ao local. Chauvin retirou Floyd da viatura sem motivo aparente e, em seguida, alegou que estava realizando um procedimento padrão, ajoelhando-se sobre o pescoço de George Floyd, sufocando-o. Em completo desespero, o homem negro apenas consegue gritar “não consigo respirar”. O policial manteve seu joelho sobre o pescoço de Floyd durante 9 minutos e 30 segundos. Naquela noite, precisamente no horário de 21:25, George Floyd acabou sendo declarado morto na sala de emergência do Centro Médico Hennepin County (ALMEIDA, 2021).

Narrar o ocorrido, em um primeiro momento parece deslocado dos materiais ficcionais, porém ao assistirmos o episódio, acabamos notando semelhanças entre a morte de George Floyd e a história contada pela série Supergirl. Nossa principal indagação sugere então que “Pontos Cegos” estaria tentando chamar o público para debates raciais envolvendo estruturas institucionais, por meio de seu enredo. Este olhar

envolvendo a obra se insere na epistemologia do campo denominado Estudos Culturais, tensionando o que vemos em materiais audiovisuais e possíveis reivindicações acerca de debates sociais.

Estudos Culturais como aporte teórico

No final da década de 1950, após a 2ª Guerra Mundial, período em que o mundo sobrevinha por uma crise econômica e política muito grande, emergem os Estudos Culturais. Foi Richard Hoggart, com o texto *The uses of literacy*, em 1957, quem deu o pontapé inicial; seu foco recaía sobre materiais culturais da cultura popular e dos *mass media*. Seu trabalho introduz o aspecto de que na esfera popular não há somente submissão, mas também “resistência”. Além dele, há outros dois importantes autores que fazem parte da fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies, o CCCS. Raymond Williams com *Culture and Society*, em 1958, que instala um importante conceito de cultura, trazendo à baila a noção de que a cultura comum ou ordinária pode ser vista como um estilo de vida em circunstâncias e equivalências de vivência com qualquer outro. Williams (1958) mostra que a cultura é uma categoria-chave que conecta tanto a análise literária quanto a investigação social.

Um terceiro autor fundador foi Edward Thompson com o texto *The making of the english working-class*, em 1963, que influencia o desenvolvimento da história social britânica, de dentro da tradição marxista, ele impulsionou a construção de estudos etnográficos, as análises dos ambientes massivos e o estudo de práticas de resistência dentro das subculturas (ESCOSTEGUY, 2010). O viés do campo era de tom político, tentando compreender a cultura através dos movimentos sociais da época, sob o ponto de vista teórico, buscando construir um novo campo de estudos de caráter interdisciplinar (ESCOSTEGUY, 2001).

É nessa perspectiva que o campo de estudo se torna uma crítica focada no questionamento das hierarquias estabelecidas nos processos culturais, ajustadas a partir de oposições, binaridades, raça, etc., tendo entre suas finalidades a ideia de revelar os discursos marginais ou daqueles que não têm voz, no sentido de tentar combater as desigualdades.

Para Jameson (2016) os Estudos Culturais são um “bloco histórico” com um viés político, capaz de fazer análises críticas e mudanças sociais. Argumenta que, atualmente, os estudos que são feitos perderam essa finalidade inicial dos Estudos Culturais e tombam em questões homogeneizantes ou isoladas de identidade.

A articulação e a socialização, para Jameson (2016), são uma totalização pontual, na qual os planos de raça, gênero, etnia e sexualidade se cruzam para formar uma estrutura operativa e que nenhum destes ou demais grupos têm uma cultura por conta própria fechada em si mesmo. Para o autor, a cultura é algo que um grupo compreende quando entra em contato com outro, ou seja, uma cultura é um conjunto de marcas que um grupo percebe no outro.

Os autores ligados à vertente do Estudos Culturais sempre estiveram preocupados com as questões que envolvem a produção de sentidos e uma das principais pontuações feitas é a de que os elementos presentes na comunicação são rodeados e formados por diversos sentidos em potencial. Devemos ter em mente que significados dos textos midiáticos na realidade estão conectados com a ideologia dominante, que, neste caso, tentam uma articulação para propor uma interpretação por parte da audiência, que esteja vinculada aos seus interesses, e, para isso, defende-se a utilização de um protocolo analítico capaz de abordar tais elementos.

Análise Textual como método investigativo

Estudar a temática das produções audiovisuais por meio dos Estudos culturais se faz importante devido ao fato de que esta perspectiva teórica admite que o conteúdo seja capaz de carregar consigo diversas significações acerca de seus contextos de produção e das mensagens que se deseja transmitir ao telespectador.

Os produtos midiáticos cumprem diferentes papéis e funções sociais, eles podem oferecer imagens de realidade; confirmar integrar ou corrigir os mapas cognitivos da audiência; influenciar o modo como vemos eventos cotidianos através da maneira como são retratados; interferir no nosso repertório significações; entre outros. Devido às diversas funções que eles podem admitir devemos, além de investigar as suas formas e conteúdo, ficar atentos às suas funções sociais (CASSETTI; CHIO, 1999). Em qualquer um dos casos citados tanto os significados quanto as funções estão intimamente conectados às condições de produção em que foram concebidos e é justamente devido a sua funcionalidade que eles podem ser incorporados à vida cotidiana.

Elencamos a Análise Textual como um protocolo metodológico focado nas produções audiovisuais, pois entendemos que ela cumpre com o papel de contemplar o texto e o seu entorno. A Análise Textual ganha destaque quando compreendemos que os textos comunicacionais ganham sentido através do veículo e situação em que estão inseridos. Para dar conta das relações entre os textos e seus significados, Casetti e Chio (1999) estabelecem que os textos atribuem valores aos objetos, comportamentos e situações que descrevem e a partir deste modo, apresentam características e significados explícitos e implícitos. Para os autores, as análises textuais, assim como (ocorre) nas análises de conteúdo, aplicam-se aos programas televisivos e ao conjunto da programação. O que muda é o modo de considerá-los “[...] não se trata de medir quantitativamente a presença de determinados temas, figuras ou ambientes, mas de destacar a arquitetura e o funcionamento dos programas analisados, a estrutura teórica

que os sustenta e a estratégia de implementação” (CASSETTI; CHIO, 1999, p. 249). A abordagem da Análise Textual possui a característica de considerar o material audiovisual por completo, levando em conta os modos de interação entre eles, além das características culturais e ideologias que o circundam. Indicar a Análise Textual como instrumento investigativo para os audiovisuais se faz necessária porque de acordo com Casetti e Chio (1999) ela admite duas formas de ver o texto. A primeira visando identificar as tendências e estilos do material analisado, buscando investigar suas funções ou em um âmbito tecnicista. A segunda pode ser utilizada para corrigir problemas relacionados à concepção dos programas (CASSETTI; CHIO, 1999).

O esquema de leitura pode ser elaborado de dois modos distintos: o primeiro por meio de uma simples lista de pontos importantes do texto e o segundo através de um roteiro estruturado. Por um lado, opta-se por estudar as obras a partir de uma ótica ampla, estruturando-o a partir de pontos gerais; já por outro, tem-se a intenção de “interrogar” o texto a partir de determinados pontos de vista e categorias de análise, sendo elas:

1. Sujeitos e interações: como o próprio nome nos diz, nesta instância os pesquisadores avaliam os sujeitos em cena, como seu tempo em tela e ambientações; outro modo de investigação nos leva aos modos de comportamento e por fim, suas funções narrativas;
2. Textos verbais: nesta categoria podem ser analisados o conteúdo do discurso e as formas verbais; estilo de linguagem, tratamento do discurso (irônico, sério, dramático) e valores explícitos e implícitos
3. História: presença de uma ou de várias histórias e suas relações; estruturas temporais das histórias; estruturas narrativas (histórias complementares, subordinadas, individuais, etc.);

4. Encenação: esta categoria se dedica a analisar os aparatos técnicos, como movimento das câmeras, montagem, enquadramentos, efeitos sonoros, cores, etc; também pode ser estudados o controle dos espaços; intervenção dos diretores; pausas na programação; estrutura da produção (modo em que o texto é transmitido, se é pela televisão, teatro, rádio, entre outros.).

Reconhecendo que texto e contexto devem ser analisados de forma conjunta, é fundamental que os pesquisadores sejam capazes de realizar uma leitura mais integral das obras, visto que se excluirmos o entorno dos textos de nossas análises, estaremos apenas realizando uma descrição e não nos aprofundando em seus significados, em nosso caso, as questões raciais envolvendo o episódio "Pontos Cegos".

Quando a existência vira resistência: análise do episódio “Pontos Cegos”

De acordo com Patricia Hill Collins (2017) os sistemas de dominação são orientados por quatro eixos, sendo eles: o patriarcado, o colonialismo, o racismo e o sexismo, onde manter imagens de pessoas negras como o outro fornece a justificativa ideológica para opressões de raça, classe e gênero, pois não há identificação. Em concordância com Hill Collins, Winnie Bueno (2020) ao falar sobre a história dos movimentos negros serem caracterizados pelo anseio de humanidade, pois quando não há identificação, existe a dificuldade de ver o outro como semelhante para simplesmente existir.

Identificamos três abordagens que o episódio nos oferece: a vulnerabilidade social da população; tensionamentos sobre a morte de George Floyd; e as reivindicações de mudanças sociais, que acabam culminando com o surgimento de uma nova heroína. O processo de análise do episódio leva em consideração seus personagens, cenas, diálogos e narrativa, porém também devemos considerar o seu título, pois ele já carrega significados pertinentes à nossa discussão.

O título “Pontos Cegos” nos traz uma série de reflexões a serem pontuadas, principalmente no tocante ao movimento negro. A pesquisadora Winnie Bueno (2020) afirma que a sobrevivência de mulheres negras neste mundo é algo dificultado, pois a todo momento elas estão expostas a violências que silenciam suas experiências e buscam nomear por elas o modo como suas vidas se constituem. Fazendo um paralelo com este título e com a narrativa do episódio, tal afirmação é por diversas vezes confirmada, pois tanto a trama quanto os diálogos referenciam que a luta de Kelly Olsen é invisibilizada e menosprezada até mesmo pelos personagens que são seus amigos.

Durante o ano de 2020, vários protestos ao redor do mundo foram organizados em virtude do assassinato do homem afro-americano George Floyd, morto por policiais, durante uma abordagem violenta. As manifestações foram tuteladas pelo movimento “Black Lives Matters”— Vidas Negras Importam em tradução — e utilizavam como um de seus slogans as últimas palavras proferidas por George, enquanto os policiais pressionavam seu peito contra o chão: “I can’t breathe”- – eu não consigo respirar”. É pela repetição destas palavras que este episódio se estabelece. Em seus primeiros minutos de exibição, acompanhamos a implosão do prédio Ormphell, destinado ao acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social e localizado na comunidade negra chamada Heights. Durante a implosão do edifício vários moradores negros acabam ferindo-se e/ou inalando a poeira dos destroços, entre eles Joey, um garoto que alega não estar conseguindo respirar e por diversas vezes repete a expressão “I can’t breathe”, como ilustrado pela figura 2, em que vemos uma imagem de George Floyd sendo sufocado em paralelo a um frame do episódio.

Figura 2 : Policial agredindo George Floyd e frame de Supergirl



Fonte: Supergirl

A falta de oxigênio e sufocamento dos personagens negros acaba sendo evidenciada e referenciada em diversas cenas, seja por meio de algumas situações, diálogos e/ou alertas nos monitores do hospital, como ocorrido aos 4 minutos e 56 segundos, onde vemos uma mensagem de alerta em um dos monitores.

Figura 3: Jovens negros buscando atendimento médico



Fonte: Supergirl.

Na figura 3 vemos três jovens negros, entre eles um adulto e duas crianças, aguardando em uma sala de emergência enquanto somos avisados que os níveis de oxigênio no hospital estão baixos. Devemos salientar que o oxigênio é indispensável para nossa sobrevivência enquanto seres aeróbicos⁴ e, nesta situação, ele não estava sendo negado, porém o hospital não tinha como disponibilizá-lo, colocando em risco a vida de todos que estavam buscando atendimento médico.

A situação se conecta diretamente com a figura 2, na qual o jovem afirma não conseguir respirar, sendo assim, o episódio evidencia novamente a situação da respiração dos jovens, ou seja, colocando sua sobrevivência em risco, pois não existem equipamentos e funcionários suficientes para todos.

Traçando um paralelo com o ocorrido no hospital, ou seja, a falta de equipamentos e médicos para atender a população, recuperamos o pensamento de Cida Bento (2022), onde ela afirma que o sistema é preparado para assegurar aos brancos e seus descendentes os lugares de destaque e conforto. A partir de tal narrativa, o episódio coloca como antagonista a figura de uma mulher branca, a vereadora Jean Rankin (ilustrada na figura 4 e interpretada por Kari Matchett), que também acaba se ferindo no desmoronamento.

⁴ Termo utilizado na biologia para designar os seres vivos que utilizam o gás oxigênio em sua respiração.

Figura 4: Vereadora Jean Rankin



Fonte: Supergirl.

Trazer uma representante de órgãos públicos como alguém a ser combatido em contraponto à população negra nos auxilia a questionar o descaso que as pessoas em vulnerabilidade social enfrentam perante ao sistema governamental.

Aponta-se nas situações vivenciadas pela população negra e por Kelly Olsen o racismo sistêmico, em que vemos todos os envolvidos lutando para sua sobrevivência e para conseguir oxigênio, mediante reivindicações na esfera pública. Tal processo, como aponta Almeida (2019), evidencia que o próprio sistema das instituições é discriminatório e que a população negra acaba ficando à mercê deste poder para garantir sua sobrevivência e existência.

Em uma conversa com seu irmão, no minuto 5:50, a personagem ainda cita que, por mais que tente, as pessoas ao seu redor não veem o problema do mesmo modo que ela.

Oi Jimmy, sou eu. Eu estou em um hospital no Heights. Houve uma explosão. **As pessoas vão morrer e é como se ninguém se importasse, como se a vida deles não valesse nada.** Precisava desabafar com alguém e sabia que iria entender. Eu estou bem...é só que...eu não sei como você conseguiu, porque **já estou cansada demais** (choro). **Estou exausta. Parece que não consigo fazer ninguém ver o problema real. É como se estivessem**

concentrados neles mesmos. Eu me sinto muito impotente, todos aqui estão impotentes (SUPERGIRL, 2021)

O diálogo acima citado é ilustrado com cenas em que vemos a vereadora ganhando poderes de regeneração, enquanto literalmente suga a vitalidade das pessoas internadas no hospital (figura 5).

Figura 5: Vereadora Rankin ganhando poderes



Fonte: Supergirl.

Ao longo da história, o título do episódio também é bastante referenciado, como, por exemplo, em uma conversa com a Supergirl, onde Kelly afirma que mesmo a mulher mais poderosa da Terra não consegue defender a todos, já que aquela era uma luta que não fazia parte de sua vida. Neste mesmo trecho, ocorrido aos 20:30 minutos ela ainda acaba dando a entender que o grupo de heróis principal não estava enxergando suas dores e reivindicações.

Kelly: Eu precisava de ajuda, Heights precisava de vocês, mas vocês não os viram. Vocês não me veem.

Supergirl: Vamos parar quem fez isso

Kelly: Eu sei! Eu sei que todos vocês estão tentando parar Nyxly! Mas **vocês estão me ouvindo?** (choro). **Vocês veem o que está acontecendo?** As pessoas vão morrer, e eu sinto que estou gritando para ninguém! Devíamos lutar por todos, juntos. E, no entanto, estou vendo pessoas sofrerem, pessoas que se parecem comigo e todos aqui estão muito ocupados. Pessoas morrerão sem ajuda e onde está a indignação? **Pessoas sem**

esperança? Talvez vocês tenham um segundo para eles. (SUPERGIRL, 2020)

Mesmo fazendo parte de uma equipe, devemos ressaltar que Kelly é a única integrante negra do grupo e o diálogo acima referenciado, deixa claro que suas lutas acabavam negligenciadas pelos seus amigos. A partir do que a personagem afirma, podemos fazer um paralelo sobre o que a pensadora Patrícia Hills Collins (1986) diz sobre as mulheres negras serem “forasteiras de dentro” (outsider within), onde elas acabam delimitando lugares para se posicionarem. Para estas mulheres, são suas experiências que regulam as lentes pelas quais elas enxergam e analisam o mundo. Kelly, mesmo parte da equipe identifica que suas lutas são deslocadas das demais.

Outro personagem que aborda a temática é Orlando (morador do local onde o prédio desabou, interpretado por Jhaleil Swaby), que, ao falar com Kelly, demonstra preocupação pelo estado de saúde de seu irmão, que a cada minuto apresenta uma taxa de oxigênio menor; porém, ao pedir ajuda ele afirma que os médicos e enfermeiros simplesmente não o escutam.

Segundo Bueno (2020) as vivências de pessoas negras demandam estratégias de resistência e de fazerem-se presentes, pois seus ideais acabam por muitas vezes sendo invisibilizados, devido à uma estratégia de manutenção de poder e da consolidação do discurso de vitimização imputado à população negra. Ou seja, o silenciamento atua como uma forma de distanciar as vivências e pautas desta população e quando elas atraem para si as atenções, isto acaba sendo encarado de uma forma negativa, pois a população em geral não se identifica com elas.

O episódio segue e em 3 minutos e 31 segundos, Kelly resolve ligar para sua namorada Alex, que faz parte da equipe de heróis da série, para comunicar o que estava acontecendo, na esperança de que os “SuperFriends⁵” pudessem ajudar em algo, porém recebe a resposta de que a equipe estava procurando Nyxly, a vilã da temporada, mas

⁵ SuperFriends é a equipe de heróis liderada pela Supergirl,

assim que “**tivessem tempo**” eles iriam ajudar Kelly, pois “**estavam lidando com algo muito grande**”.

Notamos que as preocupações e reivindicações sobre a comunidade negra não são encaradas como prioridade para os outros personagens, já que a equipe preferiu realizar uma outra missão e ao utilizar a expressão “algo muito grande”, o roteiro deixa a entender que o desabamento de um local popular e uma comunidade negra afetada é algo menosprezado e sem muita importância. Tal situação ainda é reforçada por outro momento, no minuto 8:09, onde vemos Kelly reportar o jornal local para realizarem uma cobertura do ocorrido, porém também recebe uma negativa, pois a CEO da CATCO, Andrea Rojas, interpretada por Julie Gonzalo, prefere destinar seus repórteres para um engarrafamento que estava ocorrendo devido à queda do edifício, visto que segundo ela, daria um maior número de visualizações no site.

Mesmo o desabamento do prédio atingindo muitas pessoas, o episódio e o diálogo anterior deixam claro que tanto o jornal, quanto a população não estariam preocupadas em dar importância e visibilidade para o ocorrido. Como afirma Cida Bento (2020), tal fato denota o silêncio da branquitude, pois mesmo sendo amiga de Kelly, a CEO estava dando uma importância maior para o engarrafamento causado pelo desastre, que afetaria seus leitores, ao invés de falar sobre as vidas afetadas pelo acidente.

Bento (2022) salienta que mesmo aquelas pessoas mais progressistas acabam negligenciando pautas raciais em favor de seus semelhantes. Outro exemplo ocorre no diálogo citado entre a Supergirl e Kelly, em que podemos notar a mesma situação: uma mulher branca menospreza o ocorrido em prol de capturar a vilã do episódio. Em síntese, pode-se afirmar que o pacto está relacionado com o instinto de autopreservação, aquele que “expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo” (BENTO 2022, p. 25), fazendo-se presente nas situações de invisibilidade e não-escuta vivenciados por Kelly.

“Alerta! Óxigênio baixo”; “Eu não consigo respirar” são as frases que mais se destacam no episódio, seja por meio de diálogos ou de lembretes na tela. Fato que certamente estabelece ligação com os acontecimentos que levaram à morte de George Floyd, explicitado na introdução deste texto. Vale ressaltar que no atestado de óbito de George consta que ele sofreu uma parada cardiopulmonar. Do mesmo modo, aqui a população estava sendo sufocada, não pela figura de um policial mas, sim, pela falta de investimentos naquela área, o que culminou na escassez de respiradores e profissionais preparados para atendê-los.

“Quero ser uma esperança⁶ para quem não tem heróis que se parecem com eles”

Outra perspectiva que o episódio aborda são as reivindicações sociais e a denúncia dos problemas estruturais que afetam os grupos minoritários. Sobre este eixo, podemos citar que o racismo estrutural, como define Almeida (2019) se dá através um processo discriminatório que influencia as organizações sociais e instituições em torno de um poder, seja ele político ou não.

A jornada de Kelly ganha um novo aliado após 8 minutos do episódio, em que ela recebe a visita de John Diggle, um homem negro que se propõe a ajudá-la em sua missão. Devemos salientar que neste momento, o personagem passa a atuar ao lado de Kelly e então, o roteiro do episódio deixa subentendido que eles são as únicas pessoas que conseguem visualizar o problema que estão enfrentando, como pontuado pelo diálogo envolvendo os personagens, que ocorre no minuto 10:05:

⁶ A palavra “esperança” é repetida diversas vezes ao longo do episódio devido à história da Supergirl na DC Comics, já que o “S” em seu peito, de acordo com o idioma de Krypton, seu planeta natal, significava “Esperança”. Em nosso entendimento, ao dizer que pessoas negras não tinham esperança, Kelly na realidade está afirmando que eles não podiam esperar que a Supergirl os ajudasse, ou mesmo qualquer outra pessoa de Krypton.

Kelly: Ver as pessoas no hospital ontem à noite, sabendo das dificuldades que estão passando... e não importa o quanto eu tente, não consigo ajudá-las.

Jhon: Então você se sente sozinha?

Kelly: **Alex mandou respiradores, mas o resto do time...eles têm que lutar contra super-vilões.**

Jhon: **Oliver Queen era muito bom em ver o contexto geral**, mas às vezes por conta disso, **ele negligenciava certas coisas, quando eu queria que ele visse essas coisas, eu precisava mostrar provas** (SUPERGIRL, 2021).

Pelo diálogo entre Kelly e Jhon, podemos identificar que os heróis brancos acabam não visualizando os problemas enfrentados pelas comunidades negras, como exemplo, neste episódio, vemos a Supergirl concentrada em capturar Nyxly, porém acaba negligenciando a comunidade que foi afetada pelos atos da vilã, como percebemos no minuto 14:58.

Kelly: a pressão e detritos do Ormfell causaram muitos **danos à comunidade.**

Supergirl: é horrível.

Kelly: **bairros como este recebem menos recursos** e por isso demoram mais para se recuperarem.É sempre a comunidade que tenta ajudar a si mesma. **Eles precisam de ajuda.**

Supergirl: Nyxly vai pagar pelo que fez (SUPERGIRL, 2021).

Guimarães (2004) afirma que os brancos tendem a ser solidários quando se sentem discriminados ou afetados, porém, na maioria das vezes, eles voltam seu olhar para outros brancos. Ou seja, existem aqueles que não admitem que estão sendo preconceituosos ou não conseguem ver o racismo em suas atitudes, de tal modo que os super-heróis aqui referidos negligenciavam determinados grupos sociais, mesmo tendo o dever de protegê-los.

Nesse exemplo, os brancos de classe alta e média procuram denunciar essa injustiça praticada contra o branco pobre. Porém, essa união e solidariedade da branquitude independente de suas diferenças teriam um objetivo comum: a manutenção do *status quo*, isto é, a conservação dos privilégios que o grupo branco obtém – mesmo quando na condição de pobreza – devido ao racismo estrutural. Essas vantagens raciais

podem ser verificadas em pesquisas que apontam as desigualdades sociais causadas inequivocamente pelo racismo (GUIMARÃES 2004, p. 18)

Outro assunto abordado pelo diálogo entre Kelly e Supergirl diz respeito à falta de programas governamentais destinados às comunidades em vulnerabilidade social, visto que são os próprios moradores que acabam com a responsabilidade de reconstruir os locais onde vivem. O assunto também foi tensionado no início do episódio, quando a vereadora afirma que deve deixar o hospital do Heights, pois não necessitava daquele atendimento, sendo transferida para um local com melhores condições, literalmente abandonando os moradores lá. Neste momento vemos uma representante governamental virando as costas para a população vulnerável.

Nas palavras de Lourenço Cardoso (2014, p. 90), a branquitude está nos locais de poder e exerce aquilo que sua brancura lhe outorga, nas palavras do autor, ela não abriria mão dos espaços, nem faria “concessão de nenhuma parte do que considera seu espaço, aquele de maior poder, prestígio e valor simbólico e econômico”. Colaborando com Cardoso, Cida Bento (2022) aborda que “prevalece a manutenção de “uma cota não explicitada de 100% para brancos, algo que é explicitado pelo diálogo a seguir, onde vemos que a vereadora Rankin se omitiu de auxiliar a população, especificamente no minuto 2:55 no episódio:

Kelly: Vereadora Rankin, está tudo bem?

Rakin: Sim, **estou bem. Obrigada pela sua preocupação.**

Kelly: O hospital está lotado, estão sem leitos e precisam de mais equipamentos.

Rankin: Não vou tirar o leito de ninguém. **Por favor, me tirem daqui, vamos liberar um leito para alguma boa pessoa desta comunidade.**

Kelly: **ela disse que iria ajudar, mas foi embora** (SUPERGIRL, 2021).

Assunto que também é citado pelo personagem Orlando, ao enfrentar a vereadora Rankin “não somos nós o problema, é todo o sistema que te apoia, o mesmo sistema que nos põe para baixo”. Isto acontece aos 18:29 minutos, onde afirma que o

sistema político acaba oprimindo a população, abandonando-os à própria sorte. Nesta mesma cena, ele é atacado pelos seguranças da vilã, porém, no mesmo instante, acontece a primeira vez em que Kelly utiliza um traje improvisado de Guardiã para proteger o jovem. Na cena vemos um homem negro sendo atacado por seguranças brancos, porém a heroína surge com um escudo para defendê-lo e, ao fundo, jornalistas filmam a ação.

O enquadramento desta sequência, que ocorre em 18:38 minutos, deixa subentendido que, a partir daquele momento, a heroína estaria ali servindo como uma proteção para a comunidade negra, tanto em sentido figurativo, devido ao seu nome de “Guardiã”, quanto em sentido literal, visto que ela utiliza seu escudo para proteger Orlando, como na figura 6.

Figura 6: Guardiã protege Orlando



Fonte: Supergirl.

A imagem 6 ainda pode ser explicada através das falas de Kelly Olsen, que ocorrem a partir do minuto 22:45, em que a personagem explica o motivo de estar defendendo a população:

Eu quero ser uma defensora daqueles que perderam a esperança, que **foram abandonados** por quem devia protegê-los, de todos aqueles que não têm um

herói que se pareça com eles, **proteger os exaustos**, para que eles não tenham que lutar sozinhos todos os dias (SUPERGIRL, 2021)

Na sequência, no minuto 24:57 em conversa com a Supergirl, Kelly reforça seu ponto de vista ao afirmar que a equipe de heróis não compreende a gravidade da situação envolvendo a população:

Supergirl: **eu queria muito pegar a Nyxly**, pois ela não causaria mais danos
Kelly: sim no futuro, mas **enquanto vocês têm o luxo de focar no amanhã, eles mal estão sobrevivendo ao hoje** (SUPERGIRL, 2021).

Podemos descrever a cena pela ótica da violência policial, que, para Patrícia Andrade (2022), é apontada como uma das principais contribuintes para a reflexão sobre a racialização nos territórios e para segregação socioespacial. De acordo com a autora, ao analisarmos o contexto do ocorrido:

É necessário aliar a violência ocorrida com George Floyd no Condado de Hennepin, Minneapolis à violência policial racial. A morte de George Floyd pode ser pensada a partir da compreensão histórica do território, quando brutalmente exterminado pelos agentes do “sistema”(ANDRADE 2022, p. 2)

Tal violência sistêmica é amplamente abordada durante a narrativa do episódio, seja pela violência explícita ou pelas agressões simbólicas enfrentadas por Kelly e por outros personagens negros. As agressões citadas por Andrade (2022) ainda se tornam evidentes nas falas da vereadora Rankin, antagonista principal de Kelly no episódio, que ao ganhar poderes, suga a vitalidade dos afetados pela explosão, todos negros. Uma das falas mais emblemáticas da personagem ocorre na segunda metade do episódio, em 31: 56 minutos: **“com estes poderes eu posso fazer o que eu quiser com esta cidade, varrer dela os fracos e inúteis e torná-la perfeita** (SUPERGIRL, 2021).” Ou seja, em sua visão, a exclusão da população vulnerável faria com que a cidade se tornasse algo melhor. Em paralelo, a figura da Guardiã surge como uma esperança, como podemos notar pela figura 7, em que vemos a heroína encarando a cidade de cima de um telhado, enquanto a população que estava no hospital a observa.

Figura 7: Guardiã observa a população



Fonte: Supergirl

O episódio termina com foco em alguns livros de Kelly tem em sua casa: “Entre o Mundo e Eu” e “Fragilidade Branca”, eles aparecem destacados na tela, como exemplificado pela figura 8.

Figura 8: Livros pertencentes à Kelly



Fonte: Supergirl

O título de ambas obras poderiam até mesmo retratar sua jornada para tornar-se heroína, já que ela precisou enfrentar o mundo para que sua voz fosse ouvida e suas angústias vistas. Outro ponto que merece destaque é o de que ela acabava invisibilizada pela fragilidade branca que não abria diálogo com as pautas raciais. Salientamos que

mesmo sendo uma obra voltada para o entretenimento e com uma narrativa fantasiosa, ligada ao mundo dos super-heróis, a série utilizou de artifícios narrativos para espelhar acontecimentos reais e tensionar problemas de desigualdades sociais, como abordaremos a seguir, nas considerações finais.

Considerações Finais

Uma das principais características dos textos, sejam eles audiovisuais ou não, é o fato deles serem fixos, ou seja, quando são veiculados, eles preservam características da época em que foram produzidos e dos acontecimentos por eles retratados, como é o caso do episódio Pontos Cegos da série Supergirl, que mesmo não abordando de modo direto sobre o caso George Floyd, consegue tensionar e debater tal acontecimento.

Devemos ainda salientar que a metodologia utilizada em nossa pesquisa possui conexão direta com a vertente dos Estudos Culturais, ou seja, não nos debruçamos somente na materialidade textual, mas também em seu contexto (explicitado pela descrição dos acontecimentos envolvendo George Floyd e as desigualdades sociais e raciais), fazendo assim uma sobreposição entre a obra e os aspectos sociais. Tal modo de análise, em nosso entendimento, deve ser entendido como um conjunto de aparatos que possibilitam ao pesquisador identificar o modo como os padrões culturais se configuram nas formas textuais das obras analisadas.

Ao analisarmos o episódio da série “Supergirl”, percebemos que a todo momento ele atua como um instrumento de denúncia das desigualdades enfrentadas pela população negra. Tal afirmação fica nítida já no título "Pontos Cegos". Como ele é protagonizado por personagens negros e as pessoas afetadas pelos acontecimentos da narrativa também são negras, concluímos que esta parcela da população acaba tornando-se invisível para quem não tem uma conexão direta com eles. A título de exemplo, recuperamos uma fala de Kelly Olsen, onde ela afirma que a população

afetada pelo desabamento era parecida com ela (ambas negras) e que pessoas como a Supergirl (pessoas brancas) não as viam ou não as davam importância.

As reivindicações da Guardiã e sua jornada para tornar-se heroína ainda deixam aparente o pacto da branquitude, teorizado por Cida Bento (2022). Para Bento, pessoas brancas, mesmo que aliadas (como os Superfriends), não se sentem desafiadas a refletir sobre as desigualdades, desde que não as afete, pois, tal prática acaba alterando seu *status quo*. Em uma das cenas citadas na análise, vemos um exemplo, no qual os leitores do jornal local estavam preferindo ler sobre o engarrafamento (algo que os afetava diretamente) do que sobre a população negra atingida pelo desabamento; ou ainda, quando Kara Danvers afirma que deve capturar Nykly (sua inimiga) para solucionar os problemas que ela causou na cidade, ao invés de ajudar as vítimas das ações da feiticeira.

Para Bueno (2020), a situação das mulheres negras é caracterizada por um intenso sofrimento. A autora afirma que esse grupo da população dedica uma enorme fonte de energia e esforço, onde existem estratégias formuladas pela população branca para inferiorizar pessoas negras, em especial as mulheres negras, aqui representada pela luta de Kelly Olsen, o que acaba mobilizando o surgimento da figura da heroína conhecida como Guardiã.

Identificamos que o episódio se conecta diretamente com os acontecimentos envolvendo a morte de George Floyd e ainda denuncia opressões que a população negra e periférica está sujeita. Tal narrativa é utilizada para justificar o surgimento de uma nova heroína negra. Desta maneira, ele deixa claro que as questões raciais afetam de modo direto seus semelhantes, como nos lembra uma frase citada por Jhon Diggle “seja uma heroína pelo povo e não para o povo.”

Referências

- ALMEIDA, Reno Beserra. Sozinho, me ajoelho; Juntos, nos levantamos: gesto e performance em levantes. **Galáxia (São Paulo)**, 2021.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. A morte de George Floyd e o fortalecimento da luta antirracista: “no justice, no peace”. **EccoS–Revista Científica**, n. 60, p. 1-17, 2022.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BLIND SPOT. In: **Supergirl**. Criação de Greg Berlanti, Andrew Kreisberg e Ali Adler. Direção de David Ramsey. Estados Unidos: The CW, 2021. 42 min, son., color. Temporada 6, episódio 12, série exibida pela Warner Channel e Netflix.
- BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.
- CASSETTI, F.; CHIO, F. di.. **Análisis de la televisión**. Barcelona: Paidós, 1999.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 99-127, 2016.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. DOI: 10.1590/S0034-77012004000100001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27181>. Acesso em: 11 maio. 2023.
- JAMESON, F. **Los estudios culturales**. Buenos Aires: Godot, 2016. (edição Kindle).
- SUPERGIRL (temporada 6, ep.12). Desenvolvida por Greg Berlanti, Andrew Kreisberg e Ali Adler. Warner Channel. 2020.

“I can’t breathe”: parallels between the George Floyd case and the Supergirl episode “Blind Spots”

Abstract: Theoretically and methodologically based on Cultural Studies and using the textual analysis of Cassetti and Chio (1999) as a technique, this article has as its object of study a specific episode of the sixth season of the Supergirl series, entitled “Blind Spot” and aims to identify how the episode’s narrative incorporates racial guidelines into its plot, specifically how it tensions the issues surrounding the murder of George Floyd in the USA on May 25, 2020. We identified that the episode connects directly with the events surrounding this murder and still denounces all the oppressions that the black and peripheral population is subject to. This narrative is still used to justify the appearance of a new black heroine, making it clear that racial issues directly affect their peers.

Keywords: Cultural Studies. Racism. George Floyd. Supergirl.

Recebido:16/05/2023

Aceito:02/09/2023